

PROBLEMAS E URGÊNCIAS NA INTERRELAÇÃO TERMINOLOGIA/TRADUÇÃO¹

Francis Henrik AUBERT²

- RESUMO: Propõe-se um breve reexame da interrelação entre os estudos terminológicos e os estudos tradutológicos, tendo em vista a produção de materiais terminológicos bilingües confiáveis como suporte para a atividade tradutória. Abordam-se determinados obstáculos, tais como a heterogeneidade terminológica, as variáveis culturais e sociolingüísticas, além do papel algo ambíguo do próprio tradutor. Por fim, propõe-se a busca de alternativas que propiciem uma produção mais ágil de materiais terminológicos utilizáveis para a tradução.
- UNITERMOS: Terminologia bilingüe; tradução; padronização; bases de dados.

Os estudos terminológicos e os estudos da tradução constituem disciplinas autônomas entre si. A terminologia, enquanto campo de investigação, entretém relações estreitas com a lexicologia, a lexicografia e a semântica e seu *status* de área de aplicação da lingüística e/ou da sociolingüística parece inquestionável. A tradutologia, por sua vez, por abarcar um fenômeno complexo, lingüístico, sociocultural, histórico, político e individual, extravasa os limites da lingüística, e tende a se confundir com o Homem, necessitando, para seu adequado enquadramento, do recurso a todo o conjunto das ciências deste mesmo Homem.

No entanto, se na sua epistemologia, no seu objeto de estudo, a terminologia e a tradução abarcam e se conduzem por caminhos distintos, no fazer tradutório bem como no fazer terminológico, esses mesmos caminhos se cruzam e se entrecruzam. Com efeito, como afirma Galinski (1985), '*translators are probably the largest identifiable individual user group for terminologies...*' Ou seja, os tradutores profissionais apresentam-se como um dos principais grupos de usuários finais dos produtos terminológicos (glossários, dicionários técnicos, bases de dados terminológicos etc.). Nessa perspectiva, cabe aos estudos terminológicos gerarem esses produtos, com

1. Uma primeira versão deste texto foi elaborada pelo Autor como prova escrita para o concurso de livre-docência na área de Estudos Tradutológicos, FFLCH/USP, em dezembro de 1991.

2. Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

base em metodologias adequadas, proporcionando recursos confiáveis para o exercício da tarefa tradutória.

Mas as relações tradução/terminologia não se estabelecem, na realidade cotidiana, de maneira tão simples, direta e unidirecional. A tradução – mesmo limitando as presentes considerações à sua modalidade *interlingual*, no sentido de Jakobson (1969) – é tão antiga como os primeiros contactos entre povos de línguas distintas. A terminologia, entendida como estudo descritivo e sistematizador (padronizador) dos vocabulários das línguas de especialidade, constitui área de estudos relativamente recente e a produção de materiais terminológicos, particularmente em forma bilíngüe, é ainda, em muitos domínios, apenas incipiente.³ Dispõe, é verdade, de uma gama de metodologias testadas e cujos frutos parecem indicar a sua adequação. Mas, como se procurará caracterizar no que segue, as dimensões, a complexidade e a urgência das tarefas a serem executadas podem exigir a adoção – ainda que temporária – de caminhos alternativos, de atalhos, mesmo que precários.

Com efeito, a contribuição da terminologia descritiva à prática tradutória constitui, ainda, um projeto em curso e, nesse contexto, a relação entre as áreas nem sempre se dá de maneira benéfica, quer para a tradução, enquanto usuária da terminologia, quer para a própria terminologia.

Nota-se, de imediato, nos materiais terminológicos disponíveis, a existência de sensíveis lacunas na descrição do uso mono – e bilíngüe, que afetam determinados idiomas como um todo ou, mesmo em situações mais favoráveis, determinadas áreas do saber e do fazer, lacunas essas que prejudicam o exercício adequado da tarefa tradutória de e/ou para determinadas línguas ou entre determinados pares de línguas.

Em termos monolíngües, a falta de descrições e sistematizações mais exaustivas e validadas pelos usuários tende a gerar a proliferação de termos, por meio de soluções *ad hoc* variáveis de usuário para usuário (especialista ou não), de entidade para entidade, de região para região, resultando, ao final, em um verdadeiro emaranhado de 'dialetos de especialidade' para os quais os estudos dialetológicos ainda estão a dever uma maior atenção. Assim, por exemplo, o Conselho Nacional do Carvão do Reino Unido, constatou que, dos 400 termos técnicos utilizados na Inglaterra para os objetos, ferramentas, profissões e processos da extração do carvão pertinentes da boca da mina para dentro, 300 são supérfluos, enquanto reduplicações, sinônimos e parassinônimos dos 100 termos básicos que, idealmente, dariam conta da realidade a ser denominada (Pinchuck, 1977). E os diversos usuários da língua francesa dispõem de 14 termos diferentes para designar a prateleira de ovos de uma geladeira de uso doméstico.⁴

As conseqüências práticas de tal estado de coisas para a tradução e, mais particularmente, para o tradutor, são variadas. Gera-se a necessidade suplementar de

3. Embora a reflexão ora apresentada tenha como pano de fundo a percepção e a vivência dos problemas terminológicos colocados para a tradução de/para a língua portuguesa, particularmente na sua variante brasileira, ela aplica-se, *mutatis mutandis*, a qualquer outra constelação lingüística.

4. Apud R. Dubuc, depoimento pessoal (1987).

adquirir, para além de um conhecimento terminológico básico, um certo domínio dos seus principais 'dialetos'. Requer-se, o que nem sempre é factível, a identificação mais precisa do subgrupo de destinatários mais diretamente visados, para a adequação 'dialetal' do texto. E reduz-se, por vezes sensivelmente, a fiabilidade da sempre recomendada 'consulta ao especialista', pois o consultor a que o tradutor tiver acesso pode não partilhar das preferências dialetais dos efetivos destinatários da tradução em pauta.

As lacunas e inadequações dos materiais terminológicos bilingües, por sua vez, são de pelo menos duas naturezas distintas. Em um primeiro aspecto, constata-se a existência, nas relações científicas, tecnológicas e culturais interpovos, de binômios mais ou menos privilegiados, isto é, de contactos mais ou menos intensos que justificam, ou, pelo menos explicam, a existência de uma razoável quantidade de materiais terminológicos para a relação inglês/francês, francês/italiano, espanhol/inglês, e similares, e inversamente, uma franca pauperidade para relações que envolvam, em um de seus pólos, idiomas que não compartilham de tais relações privilegiadas, como é o caso da língua portuguesa, por exemplo. Acresce, aqui, que os materiais disponíveis freqüentemente concentram-se em uma determinada direção tradutória (por exemplo inglês → português), em detrimento da relação inversa (português → inglês), nem sempre espelhando, nessa discrepância, uma correlação efetiva com a real demanda por informações terminológicas confiáveis.

Um segundo aspecto problemático que cabe ressaltar prende-se ao fato de que, ao contrário do que não apenas o leigo mas, certamente, a maioria dos seus próprios usuários imagina, as línguas de especialidade⁵ não usufruem de qualquer privilégio em relação à linguagem dita 'comum' em termos de biunivocidade, quer na relação 'noção'/ 'termo' (ou seja, significado/significante) quer na relação 'termo da língua X'/ 'termo da língua Y': em primeiro lugar, porque o conceito de 'línguas de especialidades' refere-se não apenas ao léxico específico, isto é, ao 'jargão, das tecnologias ditas 'de ponta' mas a todo domínio do fazer humano, englobando, portanto, atividades domésticas como o artesanato, culinária, áreas por definição específicas de cada corpo político (direito e jurisprudência) etc., cada qual, a seu modo, portadora de fortes marcadores culturais, individualizadores inter- e intralingualmente; em segundo lugar, porque nem mesmo nas referidas tecnologias de ponta, a 'universalidade' conceptual e, eventualmente, designativa, constitui uma norma geral. Aqui, como em qualquer outro tipo de discurso, variam as visões-de-mundo, variam os referentes: a fibra de vidro, embora de idêntica composição físico-química, não tem as mesmas aplicações em um país tropical e em um país subpolar; o aparelho eletrônico de última geração não será configurado da mesma maneira em um país com tensão elétrica uniforme e constante e em outro com tensão elétrica variável e inconstante.

5. *Language for special purpose*, na expressão inglesa consagrada.

Da sobreposição desses dois aspectos adquire-se, ainda, a percepção de que os graus de dizibilidade interlingual não são equivalentes, independentemente da direção tradutória. Em uma relação lingüística, cultural, tecnológica, econômica e política entre duas partes em que as correlações de forças pendem claramente em favor de uma delas, é nítida a possibilidade maior de 'dizer' a alteridade da parte mais forte dentro do contexto lingüístico-cultural da parte mais fraca, e, inversamente, a possibilidade sensivelmente menor de efetivar tal expressão na direção inversa. Esse fato manifesta-se, por exemplo,⁶ na utilização relativamente comum de empréstimos (isto é, de termos mantidos em sua forma lingüística original) na tradução técnica do inglês para o português, como substitutivo aceitável, para o usuário final do texto traduzido, do equivalente vernáculo, desconhecido ou, mesmo, inexistente, enquanto que a aplicação do mesmo recurso no sentido inverso (português → inglês) mostra-se, salvo exceção, inviável.

Já na sua vertente sistematizadora (ou padronizadora), a terminologia esbarra, novamente, na constatação de que as línguas de especialidade, como qualquer outro registro de qualquer idioma, compartilham na natureza multifacetada e permanentemente variável das línguas, no tempo e no espaço. Essa variação decorre não apenas de modismos, da criação simultânea de objetos e processos, da por vezes algo inadequada capacitação lingüística daqueles que, na pesquisa, na indústria, no comércio e em qualquer outra atividade humana exercem o papel de 'denominadores' das novas noções e conceitos, mas, o que talvez seja de natureza mais essencial para a questão aqui discutida, do fato de que a comunidade dos usuários dos jargões não é monoliticamente constituída, não é social e culturalmente uniforme. Pelo contrário, constituem esses participantes sociais e lingüísticos subgrupos com pressupostos, intenções e motivações bastante distintas, o que, cedo ou tarde, acaba por conduzir a expressões lingüísticas diversificadas que retratam tal diferenciação. Afóra algumas poucas áreas privilegiadas de relativo consenso (sistema métrico universal, terminologia básica da química, uso de raízes e afixos gregos na terminologia médica) é efetivamente inviável insistir em obter um comportamento terminológico⁷ idêntico do engenheiro de projetos, do operário da linha de montagem, do publicitário e do vendedor, do funcionário da oficina ou centro de assistência técnica, autorizada ou não, do usuário final do produto. Assim, o esforço de padronização terminológica que não levar esse dado sociolingüístico em devida consideração – e, ao menos no caso brasileiro, essa parece ser a situação – correrá o risco de cair no vazio, de tornar-se letra morta.

Depreende-se, do que precede, que a situação das terminologias, em termos de sua adequada descrição e sistematização, ainda está longe de ter atingido níveis satisfatórios. Depreende-se, ainda, que as variáveis algo complexas envolvidas tornam

6. E algo paradoxalmente, tendo em vista a existência sensivelmente maior de materiais terminológicos na direção tradutória inglês → português do que na direção português → inglês.

7. Parte integrante do comportamento verbal como um todo.

a tarefa dos estudos terminológicos um processo a ser conduzido a longo prazo. E, no entanto, percebe-se, igualmente, a sua urgência.

De fato, a ausência de estudos terminológicos descritivos e sistematizadores em número e grau de confiabilidade suficientes torna o tradutor um fator – involuntário embora – de incremento da situação caótica, da proliferação desordenada das terminologias. Como sugere Hoof (1982), diante das lacunas, das informações desencontradas, o tradutor, muitas vezes leigo no domínio referencial do texto que traduz⁸, vê-se compelido à improvisação, a produzir uma 'interlíngua' terminológica, que nem sempre desloca mas, apenas, acrescenta-se ao uso terminológico anteriormente existente.⁹

Cabe aqui indagar quais as perspectivas do trabalho terminológico no Brasil e as possibilidades desse trabalho satisfazer às urgências detectadas. Na FFLCH/USP estão em curso pesquisas que visam à organização de bases de dados monolíngües e bilíngües que proporcionem a seus usuários um conjunto de informações confiáveis e atualizados centrado na relação termo (<-) noção. Para tanto, reportam-se a *corpora* variados que refletem o uso vigente e que, por sua própria natureza, demandam um investimento de tempo relativamente significativo para a coleta, análise e verificação dos dados. O próprio estabelecimento dos *corpora* vê-se, porém, atravancado pelas dificuldades de acesso aos textos e aos especialistas pertinentes, fruto, quanto ao primeiro aspecto, da falta de bases bibliográficas e de bibliotecas adequadamente informatizadas, além dos entraves burocráticos, as preocupações por vezes excessivas com o sigilo empresarial etc.

Desta forma, é fácil prever os trabalhos terminológicos – que podem e devem ser encaminhados a despeito dos obstáculos apontados – somente produzirão frutos consistentes a médio e longo prazos. Assim, diante da aludida urgência, parece caber a adoção de abordagens complementares, mais ágeis. Uma de tais abordagens, admitidamente provisória, mas integrada e recuperável ao interior de um esforço descritivo mais amplo e metodologicamente mais seguro, resultaria da verificação dos materiais terminológicos e lexicográficos já existentes. Após sua triagem qualitativa junto aos usuários, empreender-se-ia a reordenação de tais materiais, em base informatizada, assegurando, tanto quanto possível, a bidirecionalidade da informação nela consignada.¹⁰ Sacrificada, num primeiro momento, a perspectiva sociolingüística, ou, mais apropriadamente, socioterminológica (ou seja, a que proporciona um retrato fidedigno do uso vigente), obter-se-ia, por outro lado, um ponto-de-partida revestido de um grau intermediário de confiabilidade, satisfazendo, de maneira menos lacunosa, às necessidades mais prementes da tradução.¹¹

8. Conforme deixa a entender Hoof (op. cit.), esse problema não é característico apenas de sociedades ditas 'em desenvolvimento'.

9. Na vivência do Autor, essa improvisação nem sempre se dá apenas como 'disfarce' de uma afetiva incompetência mas chega a ser solicitada, estimulada pelos receptores do texto traduzido.

10. Para uma apresentação detalhada dessa abordagem, vide Aubert (1991a).

11. Para uma proposta de gerenciador de base de dados terminológicos, vide Aubert & Fraga (1991b).

AUBERT, F. H. Problems and urgent needs in the terminology/translation interrelation. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. , 1992.

- **ABSTRACT:** *This paper briefly reviews the interrelation between terminological and translation studies, within the framework of the production of reliable bilingual terminologies as a support to translation work. Certain obstacles are pointed out, including the terminological heterogeneity, the cultural and sociolinguistic variables and the somewhat ambiguous role of the translator. Finally, this paper suggests the relevance of searching for alternative approaches which would favor a speedier production of terminological materials for use in translation.*
- **KEYWORDS:** *Bilingual terminology; translation; standardization; data bases.*

Referências bibliográficas

AUBERT, F. H. *Compilação de dados terminológicos bilíngües*. São Paulo: FFLCH, 1991a. (manuscrito)

AUBERT, F. H., FRAGA, P. D. *Sistematização dos procedimentos de registro para a pesquisa terminológica no âmbito da FFLCH/USP*. São Paulo, FFLCH, 1991b. (Manuscrito)

GALINSKI, C. The role of terminology – terminology & translation. *Terminologie et traduction*, n. 1, 1985.

HOOF, H. V. Naissance d'une terminologie. *Meta*, v. 27, n. 4, 1982.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969, pp. 63-72.

PINCHUCK, I. *Scientific and technical translation*. London: A. Deustsch, 1977.